



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Abril de 2015, nº 189



Cibele, a deusa traída

por Vera Pinheiro

O dia 4 de abril marca o começo da Megalésia, antigo festival romano de Cibele, a Magna Mater, Grande Mãe e Mãe Terra, deusa da vegetação, da fertilidade, da vida, da morte, da sabedoria e dos mistérios sagrados. Seu culto originou-se na Frígia, região centro-oeste na antiga Ásia Menor (Anatólia), hoje a moderna Turquia, e espalhou-se por diversos territórios gregos, atravessando o Mediterrâneo até chegar à Roma.

Cibele era representada como uma mulher madura, de seios volumosos, coroada de flores e espigas de cereais, vestida com uma túnica multicolorida e carregando um molho de chaves na mão. Às vezes aparecia cercada de leões ou segurando várias serpentes. Frequentemente, com uma coroa de muralhas, que simboliza o seu poder militar como protetora e, ao mesmo tempo, arrasadora de cidades, com leões por perto ou num carro puxado por esses animais e uma cornucópia, o corno (chifre) da abundância, referente à fertilidade e riqueza.

Cibele personifica a terra fértil. É deusa das

cavernas e montanhas, muralhas e fortalezas, da natureza e dos animais selvagens, principalmente dos leões e das abelhas. Cibele era chamada de Mãe dos Deuses por gregos e romanos. O dramaturgo e escritor grego Sófocles a chamava de “A Mãe de Tudo”. O templo de Cibele, em Roma, foi transformado pela Igreja Católica na atual Basílica

de São Pedro, no século IV, quando uma seita de cristãos montanheses, que ainda veneravam Cibele e admitiam mulheres como sacerdotessas, foi declarada herética, sendo abolida e seus seguidores queimados vivos.

Segundo a lenda, que Mirella Faur traz no “Anuário da Grande Mãe”, Cibele apaixonou-se por um

jovem chamado Attis, que a traiu. Ao saber da traição, ela o castigou, enlouquecendo-o. Em uma de suas crises de loucura, Attis castrou-se e sangrou até morrer. Cibele, condoída com sua morte, transformou-o em um pinheiro e de seu sangue nasceram violetas. Então, todos os anos, ao chegar a primavera, Attis renascia e Cibele, feliz com seu retorno, fertilizava a Terra, enchendo-a de folhas e



A Fonte de Cibele, em Madrid

flores, tornando-se uma divindade do ciclo de vida-morte-renascimento ligada à ressurreição do amante Attis, que também era um deus frígio de vegetação, e em sua automutilação, morte e ressurreição, representa os frutos da terra, que morrem no inverno e renascem na primavera.

O festival de celebração da deusa Cibele, realizado em Anatólia para festejar o renascimento de seu amado Attis do mundo dos mortos, era seguido de

nove dias de jejum, abstinências e orações, visando a renovação das pessoas. O terceiro dia da festa era chamado “dies sanguinis”. Nele a expressão emocional por Attis alcançava o máximo. Cantos e lamúrias misturavam-se, e o abandono emocional levava a um auge orgástico. Então, num frenesi religioso, os jovens começavam a se ferir com facas; alguns até executavam o sacrifício último, castrando-se frente à imagem da Deusa e jogando as partes ensanguentadas sobre sua estátua. Outros corriam sangrando pelas ruas e atiravam os órgãos em alguma casa por onde passassem. Essa casa era, então, obrigada a suprir o jovem com roupas de mulher, pois agora havia se tornado um sacerdote eunuco. Depois da castração usavam cabelos longos e vestiam-se com roupas femininas.

Neste rito sangrento, o lado escuro da Grande Deusa é facilmente percebido. Ela é verdadeiramente a Destruidora. Mas, muito estranhamente, seus poderes destrutivos parecem ser dirigidos quase tão somente para os homens. Eles, quando escolhidos, precisavam sacrificar completamente sua virilidade e, de uma vez por todas, num êxtase louco, onde a dor e a emoção misturavam-se de modo indissociável. Mas, como já diziam os primitivos, “a Lua é destrutiva para os homens, mas é de natureza diferente para as mulheres, apresentando-se como sua matrona e protetora”. Talvez isso se explique por ter sido Cibele traída por Attis.

Segundo os gregos, essa deusa seria uma encarnação de Reia, adorada no Berecinto, um dos

picos do Monte Ida, na Frígia, daí ser acrescido “berecintiana” ao seu nome, às vezes. O culto incluía manifestações orgíacas, uma forma de adoração extática, elevada em êxtase, como era próprio dos deuses relacionados com a fertilidade, celebrados pelos kouretes.

Perpetuando uma antiga linhagem de sacerdotes que cultuavam a Grande Mãe e as divindades matrilineares antes do surgimento das sociedades

patriarcais, os kouretes eram sacerdotes dedicados ao culto da Grande Mãe Cibele, servindo como iniciadores nos mistérios da vida e das artes mágicas. Como mestres e protetores das jovens, eles criaram a Ordem Sagrada dos Sacerdotes da Grande Mãe e tinham a atribuição de proteger as jovens, atuar como curadores, artesãos, construtores, armeiros, magos, videntes e participar de ritos sexuais com as sacerdotisas.

Esses ritos não se moldam ao conceito lavrado nos tempos atuais. Nas antigas crenças pagãs, os pólos femininos da

criação eram reverenciados como sagrados e a mulher era vista como o principal canal gerador de vida. A Deusa era a divindade principal, responsável pela criação de todas as formas viventes. Dessa forma, os ritos que envolviam magia sexual utilizavam-se do sangue menstrual como elemento principal do altar cerimonial. Do mesmo modo, os fluidos produzidos no corpo humano de forma natural ou através da estimulação sexual também eram utilizados nas cerimônias herdadas dos povos antigos e empregados para um determinado objetivo. “Por sua vez, o rito funciona como um conjunto de regras estabelecidas pelo culto, sendo esse último a expressão coletiva de adoração e veneração de uma divindade”, conforme Patrícia Regina Corrêa Dias, citando LIMAMESQUITELA, 1991, p. 141.

Na análise do mito de Cibele, destaca-se que a reação dela tenha sido o castigo da loucura ao amado que a traiu. Com seus poderes de deusa, poderia ter sido ela quem sacrificasse a virilidade do amante, mas não o fez. Attis, por si mesmo, impôs-



se o castigo que julgou merecer, ainda que sob a influência da loucura, e isso representa um arrependimento, mesmo tardio e insano, de seu procedimento.

Essa, a juízo comum, seria a melhor vingança para uma mulher traída por seu grande amor, que não fez por merecer a dedicação da amada. Ao senso sobretudo humano, parece compensador ver a pessoa que nos traiu exaurida em suas artimanhas, cobrada à exaustão por elas, resultado e consequência de suas atitudes, comprovando a máxima divinal de que “tudo que se faz volta triplicado”, seja bom ou nem tanto. Sem esquecer de que vale o mesmo para nós, também, claro.

Para uma deusa, Cibele vingou-se com relativa moderação, podemos reconhecer. No entanto, a vingança não acabou com o sentimento, e pode tê-lo reforçado, uma vez que ela sofre com a morte do sempre amado e não permite que ele morra definitivamente, trazendo-o de volta na primavera de cada ano. Isso é alguma coisa familiar com o universo das emoções femininas. Muitas mulheres ressuscitam continuamente seus amores perdidos, ainda que tenham sido traídas, e isso funciona também como fuga de novos – e compensadores – relacionamentos.

Porém, sem julgamentos provindos de nossa condição humana, Attis procurou se recobrar de seu malfeito por meio de uma ação extrema. Isso, no entanto, não o inocenta, mas lhe dá o benefício de ser compreendido, pois um gesto tem mais significado do que uma palavra e, por pior que seja a situação, sempre cabe um perdão dentro ela. Ainda que não sejamos deusas, tampouco os homens, deuses. O enigma sempre perpassa as idiosincrasias de cada um, e sabe-se lá o que cada um é, com suas expectativas e seus aprendizados, com suas dores e sua sabedoria, com seus mistérios e seus segredos!

Ninguém pode dizer o que faria se não tiver experimentado as nuances, todas, da circunstância. Estamos em um mundo em que teorizar perde sentido, porque a experiência é que dá o grau de nossa evolução e do alcance de nosso aprendizado. Temos de viver para saber, e isso é tudo. Portanto, ninguém pode avaliar Cibele, a deusa, a respeito de sua reação diante da traição. Cada um sabe de si e a Grande Mãe sabe de todos, conhecendo até mesmo aqueles segredos que somente confessamos ao travesseiro em altas e silentes

madrugadas.

Cibele nos traz uma preciosíssima inspiração a respeito de nossas atitudes diante de uma traição, iminente ou concretizada. O mito não nos diz que Cibele ficou arrasada com a traição, que se sentiu a última das deusas e que se achou um mínimo. Ela fez o que quis fazer, e mais não demandou no caso, ainda que pudesse. Não se tem notícia de que tenha varado muitas noites insone, sem pregar olho, pensando em Attis e se achando péssima, coisas que fazemos quando atravessamos uma situação parecida.



Estatueta de Bronze de Cibele - 150 a 200 d.C.

De alguma forma, nós somos deusas, sendo filhas DELA. Exercitamos essa premissa quando sobrevivemos às dores de uma traição e retomamos a vida em plenitude. Ao que consta, Cibele tocou a vida em frente e, lá adiante, ainda salvou para a eternidade o traidor. E talvez, não fosse isso, não teríamos primaveras todos os anos. Bênção, Mãe!



DANÇANDO AS RUNAS
Coreografias de Mônica Fonseca - Focalizadoras Mônica Fonseca e Nane Silva

WORKSHOP de DANÇAS CIRCULARES

Não é preciso ser iniciado nas runas ou conhecê-las previamente para participar do workshop. Ao longo do fim de semana Nane explicará sobre as runas e seus arquétipos.

As 24 runas do futhark serão acessadas através de 11 coreografias numa trilha sonora 100% escandinava.

Informações: 9602 7126
Data: 21 de abril das 9hs às 19hs
Valor: R\$ 160,00 com refeições, apostila e cd inclusos
Local: Reserva Chakra Grisu – GO

VAGAS LIMITADAS



Posta- restante

por Maria Amaziles



María,

O dia amanhece e já encontra você com os olhos bem abertos, como que buscando sentir o aroma das boas oportunidades no vento. Com suas irmãs você vem treinando a habilidade da prontidão, a escuta atenta, a arte de ouvir a Natureza em suas múltiplas melodias. Sua alma selvagem vem abrindo as asas, ousando voos cada vez mais longos. E, amparado nessa coragem, seu coração valente vai abraçando a vocação de amar sem reservas.

Acompanho, com zelo e gosto, cada conquista sua, revelada na firmeza do passo, em cada palmo de seu caminho. Sempre que uma filha ou filho meus expressam com consciência e propriedade os dons que de mim receberam, a esperança de um mundo melhor se amplia na direção da certeza.

Entretanto, sua jornada em direção à plenitude demanda a lição do equilíbrio e da sensatez. Que o arroubo selvagem que faz brilhar sua cabeleira não queime a delicadeza do seu gesto. Ser selvagem também é lembrar da força maternal das fêmeas, conservar a elegância da dança e do trinado dos pássaros, a paciência das tartarugas, a alegria dos bebês leões, nas campinas. Ser selvagem demanda também a maestria da paciência de esperar o momento oportuno...

Para que sigas em segurança, protegida por mim e pela sua própria essência, seja você a senhora da própria força e beleza; que seu medo se revele na medida necessária para inspirar a necessidade da cautela e que sua coragem não ignore o respeito. E, uma vez detentora do poder, que você possa se lembrar de onde ele vem e a quem deve servir, sem duvidar.

Em amor e poder,

Aquela que é.



Próximos Rituais

Celebração do Beltane: O Casamento Sagrado

Dia 30 de abril (quinta-feira) às 20h00

∴ Aberta também para os homens ∴

Plenilúnio: Celebração da Deusa celta Blodeuwedd

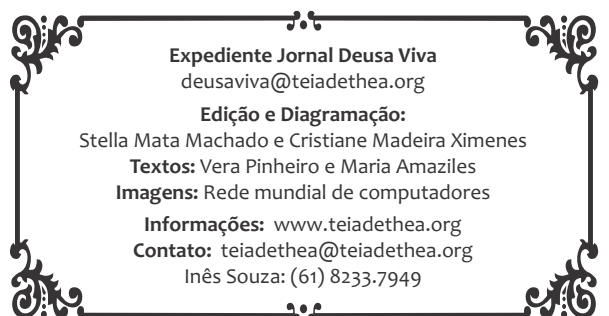
Dia 04 de maio (segunda-feira) às 20h00

∴ Somente para mulheres ∴

Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília/DF.

Energia de troca R\$ 15,00

Informações: Inês Souza (61) 8233.7949



Expediente Jornal Deusa Viva
deusaviva@teiadethea.org

Edição e Diagramação:

Stella Mata Machado e Cristiane Madeira Ximenes

Textos: Vera Pinheiro e Maria Amaziles

Imagens: Rede mundial de computadores

Informações: www.teiadethea.org

Contato: teiadethea@teiadethea.org

Inês Souza: (61) 8233.7949